As quantidades exportáveis estão aumentando

Estudo da FAO, apresentado há algumas semanas, dá conta de que o mercado internacional da banana será bastante afetado pela grande oferta, em 1999. A demanda por importações deverá crescer 3,6% ao ano, no futuro próximo, saindo dos 10,6 milhões de toneladas registrados em 1995, para 12,2 milhões. A maior parte do crescimento será devida à forte demanda na Europa oriental, no Extremo-Oriente e na América Latina, áreas em rápida fase de transformações econômicas, compensando a retração que se verifica hoje na Europa ocidental. Os países desenvolvidos respondem por 88% das compras mundiais do produto.

A disponibilidade da fruta exportável também vai aumentar no período 1995-99, chegando a 12,87 milhões de toneladas. No último ano do período, poderá ocorrer excedente de 650 mil toneladas e haverá pouca possibilidade de recuperação da demanda na Europa e nos EUA. Como as indústrias da banana já parecem estar fazendo alguns ajustamentos necessários, a redução do excedente pode ser esperada também porque os preços mundiais mais baixos estão reduzindo os incentivos à expansão da produção latino-americana. A evolução dos preços internacionais pode ser vista na seção Panorama Internacional da edição de *Agroanalysis*, de junho de 1997, em que o Banco Mundial apresentou a queda ocorrida desde 1995, mais ainda considera o preço de 1999 ligeiramente acima do praticado quatro anos antes. O trabalho da FAO, portanto, vem acrescentar maior peso à possibilidade de que os preços internacionais situem-se na distribuição de probabilidade inferior mostrada no gráfico daquela seção.

Com efeito, como resultado da maior oferta, os preços afundaram em anos recentes. Nos EUA, o preço real da fruta importada caiu 15% entre 1990 e 1995. Isso tem obrigado países produtores altamente dependentes da receita de exportações da fruta a diversificar sua produção agrícola. Colômbia e Equador, por exemplo, estão optando por seringueiras e palmeiras, com vistas à extração do óleo de palma, concorrente do de soja. Os colombianos também já investiram bastante na floricultura, sob orientação norte-americana, para deslocar compradores de coca e se tornaram o segundo maior produtor mundial de flores. Na República Dominicana, a participação da banana nas exportações do país é de mais de 50% e o PIB fica na faixa dos 17%, percentual costumeiramente encontrado — e superado — nas pequenas economias do Caribe.

No Brasil também vigoram preços mais baixos

A banana equatoriana teve escassas repercussões no mercado interno, que continua isolado do que acontece no exterior e é poucas vezes influenciado pelo mercado mundial. Mas a chegada do produto no mercado brasileiro interferiu sensivelmente nas suas vendas para o Mercosul. Diante das dificuldades dos mercados interno e da União Européia, a fruta voltou-se para os vizinhos do Sul e ganhou posições com facilidade por seus critérios superiores, originariamente estabelecidos para alcançar mercados mais sofisticados.

Houve também forte influência de outras frutas no mercado interno da banana. Mesmo sem haver oferta destacada do produto, os preços ficaram este ano sem maior reação, pois os consumidores passaram a ter acesso a outras frutas, cujas importações aumentaram. Essa atratividade veio basicamente da atual disponibilidade do kiwi, da maçã ou da pêra; do pêssego e da nectarina, cuja produção brasileira atual também é capaz de apresentar produto de boa qualidade. Frutas cujos preços baixaram rapidamente, como as tangerinas, ou passaram a ser oferecidas fora de suas épocas de safra tradicionais, como o abacaxi e a melancia, também competiram apresentando preços competitivos.

É preciso considerar que na conjuntura de estabilização econômica, simultânea à abertura ao produto estrangeiro, os supermercados têm procurado valorizar seus espaços dedicados aos produtos perecíveis, que se transformaram em áreas capazes de diferenciá-los de seus concorrentes. Evidentemente, a fruta ou hortaliça de melhor apresentação para o consumidor adquire um novo *status* para a loja e pode afastar aquelas de aparência menos atraente.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

FEIJÃO

Mercado em baixa devido à boa oferta

Os preços do feijão carioca sempre foram mais altos nos meses de inverno, em função do intervalo entre a safra das águas e a safra da seca. A terceira safra se fortaleceu e entrou definitivamente para o calendário agrícola, melhorando o abastecimento e diminuindo a flutuação dos preços.

Este ano, um atraso na colheita da segunda safra das regiões Sul e Sudeste provocou uma concentração de oferta que fez declinar os preços no mês de julho. Remanescentes da segunda safra se somaram à safra de inverno, ou terceira safra, tornando o mercado francamente vendedor. A conjugação desse fato com a retração sazonal do consumo nesta época do ano, devido ao período de férias escolares, ajudou a manter a recente fase baixista do mercado.

O atraso na colheita da segunda safra gerou diminuição de oferta em

abril e maio, quando os preços evoluíram em alta. Em julho, a maior quantidade de produto ofertada ao mercado atacadista de São Paulo era proveniente do próprio estado, notadamente das regiões do Sudoeste paulista (remanescente da segunda safra) e regiões do Oeste do estado (Presidente Prudente e Araçatuba). Guaíra e Vargem Grande do Sul (produto irrigado) também ofertaram boas quantidades.

Com relação à qualidade, foram detectados alguns problemas nos feijões provenientes de São Paulo, devido às chuvas que atingiram as lavouras em plena fase de maturação.

Outros estados como Goiás, Minas Gerais, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul também estão ofertando o produto nesta época do ano. O calendário da leguminosa está cada dia mais pulverizado, ficando cada vez mais difícil a distinção entre as safras na tradicional classificação (primeira, segunda e irrigada).

Os preços do feijão carioquinha "luxo novo", que havia registrado R$43,00/saca de 60kg (o que é considerado um preço muito remunerador), despencaram para R$34,00/saca de 60kg em menos de 30 dias.

Para o carioquinha de qualidade inferior cuja pressão de oferta tem sido maior, os preços registraram quedas ainda mais acentuadas. É possível encontrar de seis a oito tipos diferentes de qualidade do tipo *comercial* (tipos de qualidade média) com variações de preços desde R$18,00/saca a R$27,00/saca.

Essa tendência baixista vem ocorrendo também com o feijão-preto, embora em menor intensidade. As cotações FOB na Argentina, principal fornecedor do produto nesta época do ano, que oscilavam entre US$580/600/t, no início de junho, recuaram em julho para US$520,00/540/t, devido à menor procura.

A perspectiva para o curtíssimo prazo é que a pressão de oferta irá continuar, com quedas de preços sobretudo para o feijão carioquinha de tipos mais fracos. A retomada do consumo após as férias, em agosto, deverá aliviar um pouco essa pressão vendedora.

Estão sendo esperadas para o próximo mês as safras de Pernambuco, Ceará, Bahia e outros estados nordestinos.

Considerando as estimativas oficiais da Conab, a safra do Nordeste deverá ser ligeiramente inferior à passada (-1,6%), com a perspectiva de colheita de 1,073 milhão de toneladas, que deverão ser comercializados entre julho e novembro, quando se inicia a colheita da nova safra das águas das regiões Sul e Sudeste.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE
SANDRA MARIA HETZEL

RENDA AGRÍCOLA

Sinais de recuperação

As primeiras estimativas relativas à renda agrícola de 1997 indicam recuperação, mas a queda dos últimos anos ainda está longe de ser superada.

Nos últimos quatro anos, os dados relativos ao desempenho da produção agregada das lavouras vêm sendo bastante satisfatórios. Mesmo quando as primeiras estimativas de plantio revelavam redução da área plantada, os resultados finais da colheita mostravam um quadro bem mais animador. De modo geral, os rendimentos físicos da atividade traçaram uma trajetória ascendente, condicionada em boa medida por fatores como o uso de variedades mais produtivas e condições meteorológicas favoráveis.

Do ponto de vista do consumidor, o quadro também foi otimista: os preços dos produtos alimentares se mantiveram em patamares baixos e não há dúvida de que um dos fatores do sucesso do Plano Real foi a chamada *âncora verde*.

Contudo, os analistas começaram a observar com preocupação um outro indicador: a evolução da renda bruta da atividade agrícola. Entre 1994 e 1997, a renda bruta das lavouras caiu — já descontada a inflação — 8%. Quando se toma um período mais amplo, de 1990 a 1997, o resultado é ainda mais impressionante: a renda bruta das lavouras se reduziu em 43% (no mesmo período o produto real das lavouras aumentou 41%) Não é de estranhar que os agricultores ao longo destes anos tenham reclamado da situação. Só não se tornou insustentável porque, além dos aumentos de produtividade registrados no mesmo período os preços pagos pelos insumos caíram em torno de 11% e porque aquele resultado agregado apresenta variações bastante diferentes em termos de produtos individuais.

É dentro deste quadro geral que se devem examinar os primeiros resultados das estimativas da renda bruta das lavouras para o ano de 1997. Os